

A CAMINHO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2013

JUVENTUDE E ESPIRITUALIDADE

AFETIVIDADE E SEXUALIDADE NA JUVENTUDE

POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE

JUVENTUDE E VOCAÇÃO

JUVENTUDE E COMPROMISSO AMBIENTAL

JUVENTUDE E MISSIONARIEDADE

JUVENTUDE E VIOLÊNCIA

JUVENTUDE E PASTORAL

JUVENTUDE E COMUNICAÇÃO

JUVENTUDE E BÍBLIA



MARISTA IUBEE-UNBEC
SUPERINTENDÊNCIA DE ORGANISMOS PROVINCIAIS
EVANGELIZAÇÃO

A CAMINHO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2013

Apresentação

Marcelino Champagnat foi um Apóstolo da Juventude. Em Marlihes, durante as férias do seminário, atraía as crianças e jovens dos lugares mais longínquos para a sua catequese. Em La Valla, o jovem padre transformou a paróquia, com sua acolhida, seu jeito simples e pela qualidade das suas mensagens. Também demonstrou ser um grande educador na formação dos jovens que desejavam ser Irmãos, religiosos educadores.

Como Maristas do século XXI, somos interpelados a estar com os jovens, "vamos aos jovens lá onde eles estão". Vamos, com ousadia, aos ambientes, talvez inexplorados, onde a espera de Cristo se revela na pobreza material e espiritual" (C 83). Estando junto às crianças e aos jovens, demonstramos que nos preocupamos com eles e estamos atentos às suas necessidades.

A Igreja do Brasil também deseja, cada vez mais, estar entre as juventudes. Nessa perspectiva, vai realizar a Campanha da Fraternidade 2013, com o tema "Fraternidade e Juventude" e o lema "Eis-me aqui. Envia-me." (Is 6,8), e acolherá a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro. A Província Marista Brasil Centro-Norte, em comunhão com a Igreja do Brasil, lança o Caderno de Reflexões sobre as Juventudes, no desejo de contribuir com a formação dos agentes de pastoral que fazem do contato com as juventudes o lugar teológico da revelação de Deus.

As reflexões seguintes me fazem lembrar uma colcha de retalhos que ganhei, no meu aniversário, da minha Vó Moça (Maria José). Fruto de vários retalhos das sobras de tecidos das costuras que ela fazia, a colcha me aqueceu durante muitos anos e hoje me ajuda a fazer memória das vivências de quando era criança.

Os textos dos vários estudiosos traduzem a beleza da colcha de retalhos que, juntos, trazem a nossa roda de conversa temáticas tão importantes para nos conectar com as realidades das juventudes, auxiliando em seus projeto de vida.

Conforme foi lembrado pelo Papa Bento XVI "Asseguro-vos que o espírito de Jesus hoje vos convida a serdes portadores da Boa Nova de Jesus aos vossos coetâneos. A indubitável dificuldade que os adultos têm de encontrar de maneira compreensível e convincente a classe juvenil pode ser um sinal com que o Espírito tenciona impelir-vos, jovens, a assumir esta responsabilidade. Vós conheceis os ideais, as linguagens e também as feridas, as expectativas e ao, mesmo tempo, o desejo de bem dos vossos coetâneos".

Diante desse apelo, o método de Marcelino Champagnat confirma sua atualidade. A presença como educador se traduz, essencialmente, em estar a serviço das crianças e jovens. E como continuadores da sua missão, estar entre os jovens faz-nos suscitar em seus corações o desejo de crescer (razão), a coragem de contemplar a realidade (mística), para depois assumir a vocação de discípulo missionário (missão) revelando o rosto jovem de Deus.

Quero agradecer a maravilhosa contribuição de todos que fazem da sua vida um serviço à construção do Reino de Deus, e que se dispuseram a escrever para as juventudes. Um forte abraço ao Pe. Hilário Dick, Liciane Caneschi, Hildete E. Nogueira de Souza, Ir. James Pinheiro, Ir. Afonso Murad, Fr. Gilvander Moreira, Carmem L. Telxeira, Pe. Wander Torres Costa, Joadir Foresti e Edina Lima Cardoso. O meu muito obrigado em nome da Família Marista.

Ir. Luiz André, FMS



A CAMINHO DA CAMPANHA
DA FRATERNIDADE 2013

JUVENTUDE E ESPIRITUALIDADE



MARISTA | UBEE-UNBEC
SUPERINTENDÊNCIA DE ORGANISMOS PROVINCIAIS
EVANGELIZAÇÃO

JUVENTUDE E ESPIRITUALIDADE

Hilário Henrique Dick, jesuíta, doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, formado em Filosofia e Teologia, dedicado à evangelização da juventude por quase 40 anos, estudioso da história da juventude, professor no curso de Pós-Graduação em Adolescência e Juventude em Goiânia (PUC e CAJU) e na Pós-Graduação em Juventude do ITESC (Florianópolis), autor de vários escritos, podendo-se destacar "Gritos Silenciados, mas evidentes - Jovens construindo juventude na História" (Loyola); "Cartas a Neotéfilo" (Loyola), "O divino no jovem", "O caminho se faz - História da Pastoral da Juventude no Brasil", pesquisador do Observatório Juvenil do Vale, na UNISINOS, com publicação de várias pesquisas sobre juventude.

EXPEDIENTE

Província Marista Brasil Centro-Norte

Ir. Wellington Mousinho de Medeiros – Superior Provincial

Ir. José Wagner Rodrigues da Cruz – Vice-Provincial

Ir. Adalberto Batista Amaral – Conselheiro

Ir. Ataíde José de Lima – Conselheiro

Ir. Renato Augusto da Silva – Conselheiro

Superintendência de Organismos Provinciais

Ir. Humberto Gondim

Comitê de Pastoral

Ir. Luiz André da Silva Pereira

Ir. James Pinheiro dos Santos

Eder D'Artagnan

Analistas de Pastoral

Gilson Prudêncio Júnior

Jorge Luiz Vargas dos Santos

Raquel Pulita Andrade Silva

Elaboração

Ir. Luiz André da Silva Pereira

Raquel Pulita Andrade Silva

Brasília, 2012

JUVENTUDE E ESPIRITUALIDADE

Hilário Dick

1. Se sabemos o que é juventude, precisamos ter claro, igualmente, o que é “espiritualidade”. Assim como há “juventudes”, há “espiritualidades”. Se existe uma espiritualidade franciscana, marista, beneditina, carismática, etc. existiria também uma espiritualidade juvenil? A espiritualidade pode ser adulta, infantil, etc. isto é, ela pode ter idade? A espiritualidade vivida por um senhor de 65 anos, é a mesma que a espiritualidade vivida por um/a jovem de 23 anos?

Ser “espiritual” tem muito a ver com liberdade e, também, com a biologia. Aquilo que constitui a verdadeira personalidade é a liberdade. Ninguém “é” livre. A liberdade está no agir para se libertar. Ninguém “é” espiritual. A espiritualidade é fruto do agir para ser espiritual. Pode-se comparar liberdade e espiritualidade porque as duas se encontram. Um “santo” é alguém que, na prática, viveu a liberdade. Jesus é Caminho porque viveu a liberdade e se libertava, sempre. Aquilo que constitui a verdadeira personalidade é a espiritualidade. Uma pessoa espiritual não é vazia. Sempre tem motivos inesgotáveis de viver o cotidiano. Assim como se pode dizer que quem não namora, todos os dias, o sentido da vida, pode-se dizer, também, que quem não namora o seu interior, está longe de viver uma espiritualidade. Ser “espiritual” exige prática e tempo de acariciar o sonho que sonhamos. Aí está Deus, aí está o estudo, aí está Jesus, aí está o traje que uso, aí está tudo. Se formos preguiçosos, não fazendo o que deveríamos fazer, também seremos e somos tontos, achando que o sonho não acariciado não vá morrer.

Assim como podemos perguntar se a espiritualidade tem algo com a idade, podemos perguntar-nos, igualmente, se ela tem algo a ver com local (praia, montanha...), com espaço (igreja, santuários...). Por que as monjas e os monges vivem em espaços fechados? Algo a ver com espiritualidade? Certos espetáculos que levam um grande número de pessoas a viverem experiências “sagradas” têm algo a ver com espiritualidade? Quando a Pastoral Juvenil, na América Latina, diz que, *para as juventudes, uma vida sem gestos nem celebrações não tem sentido nem dinamismo e que, por isso, a dimensão celebrativa é um elemento fundamental do estilo de vida que vai assumindo no processo de amadurecimento humano e cristão que realiza*¹ junto à juventude, estaria querendo afirmar algo específico para o mundo juvenil e não tanto para o mundo adulto?

Evidente que toda a espiritualidade (no mundo cristão) se refere ao seguimento de Jesus. O seguimento de Jesus de um jovem, no entanto, teria algo específico, diferente do seguimento buscado por um adulto? Quando defendemos o aspecto comunitário, na vivência de nossa fé, o aspecto juvenil, nessa vivência, teria algo “especial”? Falar de juventude e espiritualidade sem considerar estes aspectos é navegar em águas erradas. Assim como não basta saber o que é espiritualidade no “genérico”, não basta olhar a pessoa humana somente no “genérico”. A espiritualidade tem algo a ver com idade.

2. Uma das características observáveis na Pós-Modernidade, com suas culturas e subculturas, é a necessidade e a busca de preencher um vazio que passou a tomar conta das pessoas. Imersos num sistema ligado à competência, à incerteza e à exclusão, também as/os jovens e adultos querem ser aceitas/os, reconhecidas/os, incluídas/os. Ainda mais porque a juventude é tempo do ser e do aparecer. Em

¹ *Civilización del Amor – Tarea y Esperanza*. CELAM, Bogotá, 1995, p.315.

parte, essa busca leva as pessoas à religião. Quem melhor atender a essa necessidade de preencher certos vazios e oferecer o que as pessoas buscam, terá maior sucesso. A juventude de hoje, nascida no final da década de 70, encontrou um mundo em mudanças, um tempo de pós-guerra fria e pós-descoberta da ecologia. Os jovens sofrem a influência do desemprego, dos avanços tecnológicos e, para eles, multiplicam-se igrejas e grupos de várias tradições religiosas com possibilidade de se fazer diferentes combinações.

O pós-modernismo tem como faceta importante outro aspecto: a volta ao sagrado, ao misticismo e ao transcendente. Esta “sedução do sagrado” pode ser lida de várias formas, mas queremos chamar a atenção para o que diz Frei Prudente Nery² falando da Cristologia como Antropologia. Diz ele que “essa mútua imanência entre sagrado e profano, essa inseparabilidade entre valores religiosos e humanos, essa unidade inconfusa entre Deus e o homem [...] pensá-las e mantê-las continua sendo, ainda hoje, a tarefa mais ingente e urgente de uma teologia que se quer cristã. Pois esta é a coluna mestra do cristianismo: se Deus se fez homem é porque há em Deus algo de humano e se o homem pode ser assumido por Deus, em sua encarnação, é porque há, no homem, uma capacidade para Deus”. Dizer que há, no homem, uma capacidade para Deus é, talvez, dizer que há, no/a jovem, novidades a serem descobertas não somente porque é pessoa, mas porque é jovem.

Embora a busca do sagrado seja de todos, essa busca pode ter e tem um jeito de vestir-se de forma juvenil porque o sagrado também responde a necessidades específicas.

3. João Paulo Pucinelli e Carmem Lúcia Teixeira³ fazem uma reflexão muito importante para a questão da espiritualidade e juventude, falando do corpo. Fazem-na a partir de João 12,3, onde se diz *que Maria levou quase meio litro de perfume de nardo puro e muito caro. Ungiu com ele os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. A casa inteira de encheu com o perfume*. Queremos dizer que a espiritualidade tem algo a ver com o corpo. E o corpo do/a jovem é diferente do corpo de um adulto/a.

Dizem estes autores que “pensar a espiritualidade a partir da corporeidade requer movimentos de reconhecer, no próprio corpo, a presença da comunhão, do sentido da vida e da existência, numa experiência natural de respirar o mundo, de olhar e escutar, de tocar e ser tocado e dizer a palavra. Tudo isso a partir da experiência de ser jovem, numa sociedade contemporânea, com perguntas existenciais e determinantes para a consolidação da vida”.

Mais ainda: “Espiritualidade tem a ver com o conjunto de valores de uma comunidade, de determinado grupo de pessoas ou de um indivíduo. Por isso, podemos falar de espiritualidades. Para falar de uma espiritualidade do corpo, a partir da experiência juvenil, precisamos, em primeiro lugar, dizer da mística. A mística está intimamente ligada à espiritualidade, uma vez que se trata da intimidade com Deus, da relação com Deus, que se vivencia o tempo todo, a vida inteira. Relação esta de encontro-desencontro, paixão-traição, fé-medo. A espiritualidade trata do método para se chegar à mística, que pode ser de diferentes formas” e – poderíamos acrescentar - em diferentes contextos.

² CALIMAN, Cleto (Org.) *A sedução do sagrado*. O fenômeno religioso na virada do Milênio. Petrópolis: Vozes, 1998.

³ “Juventude e Religiosidades” in revista *Redemoinho*, Ed. 15, dezembro de 2011, p.24-27.

“Por isso falamos da espiritualidade como caminho, como trilha... O jeito da espiritualidade cristã consiste na pessoa (jovem) ter toda a sua vida marcada pela experiência do Seguimento de Jesus. Ela não se limita, no que podemos chamar de espiritualidade do corpo, mas tem, nesta experiência da corporeidade, seu lugar fundante. A espiritualidade do Seguimento de Jesus faz três movimentos cíclicos fundamentais: o corpo, a comunidade, a utopia. Estes movimentos estão intimamente entrelaçados numa experiência de totalidade e integralidade”. Além do corpo, a vivência grupal e a vivência da esperança, resultando em memória histórica e utopia. O jovem não é somente alguém que busca a santidade (espiritualidade), mas também é um santo/a. Todos precisamos descobrir o santo que há em nós, também nas juventudes.

4. Não queremos falar de todos os diferentes “instrumentos”, “meios” que são importantes para o jovem viver a espiritualidade de modo juvenil, mas queremos apontar para as raízes (não somente biológicas, mas também biológicas) de uma espiritualidade juvenil, explorando algumas dimensões. Estamos querendo aprender a encarar o jovem como uma realidade teológica.

Por isso, uma primeira dimensão que aparece é a amizade. A juventude torna-se, através da vivência da amizade, um sacramento do novo que é vida; é o sacramento da nova relação para a qual o ser humano foi criado. Deus se manifesta, no jovem, na amizade. Poderíamos dizer que a amizade é um aspecto do sagrado, pois é uma atitude que leva a sair de si, dando-se ao outro. Deus, relacionando-se com o universo, se relaciona como amigo. Isso é de todos, mas tem uma faceta especial de juvenil.

Outra dimensão do sagrado no jovem, isto é, de sua espiritualidade, é o caráter festivo. Podemos dizer que a festa “é parte da imensa criatividade humana”⁴, é o espaço da gratuidade. Porém, a anti-festa é o vazio, o sem-sentido, a instrumentalização⁵. A festa não é individual, mas uma experiência de participação. Afirma Taborda que “a comunidade faz a festa” e a “festa faz a comunidade”⁶. Para Gebara, as celebrações e as festas são parte importante da vida, possibilitando encontros, vínculos novos e a partilha de experiências de vida. Elas têm capacidade generativa, “exigem organização coletiva, responsabilidade coletiva e expressão coletiva”⁷.

Ao considerar que o sagrado (a espiritualidade) não é algo somente externo, mas uma realidade imanente no próprio jovem, observamos outra característica significativa: a volta à fidelidade. Perguntando aos jovens sobre o que é mais importante na relação a dois, eles optaram por três substantivos: fidelidade (54,5%), complementaridade (27,6%) e liberdade (13,6%). Ao todo um total de 95,7% girando em torno do que é o mundo da fidelidade⁸. Pareceria que, mesmo num mundo onde parece privilegiar-se a aparência e a mentira, o jovem afirma que quer a verdade. No seu apreço da fidelidade, fundamenta-se uma das grandes forças proféticas da juventude. No cântico de Moisés, o guia do Êxodo fala porque Deus rejeitou seu povo. É que eles “são filhos que não têm fidelidade” (Dt 32, 20).

⁴ GEBARA, Ivone. *O que é a Teologia Feminista*. São Paulo, Brasiliense, 2007. (Primeiros Passos, 326).

⁵ DICK, *O divino no jovem*. Elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil. Porto Alegre: 2006 p.46.

⁶ TABORDA, Francisco. *Sacramentos, Práxis e Festa: Para uma Teologia Latino-Americana dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 90. (Série A Igreja Sacramento de Libertação) p. 90.

⁷ GEBARA, 2007, p. 53.

⁸ DICK, Hilário. O imaginário do jovem do Rio Grande do Sul. Leitura dos dados de uma pesquisa. *Revista PJ a caminho*, Porto Alegre: Instituto de Pastoral de Juventude, n. 67, p. 77, 1997.

No caminho para a doação, na vida do jovem, deparamo-nos com a dimensão teológica do “descobrir”. A descoberta irrompe violentamente na vida do jovem. Ela é gratuita. A vida não é causa e efeito; não é obrigação lógica. A descoberta é graça porque tudo é graça. A descoberta é a irrupção do dom. Por isso, tudo é motivo de gratidão e de festa. O jovem vive a invasão da graça que ele é, e da graça que ele recebe. Percebemos, no entanto, outra manifestação fundamental do sagrado no jovem. Estamos querendo referir-nos àquela convicção, onde o cristianismo é a oposição mais radical ao sistema consumista e centralizador no qual vivemos: a doação. Queremos dizer que, no jovem, a volta ao sagrado se manifesta na volta à doação.

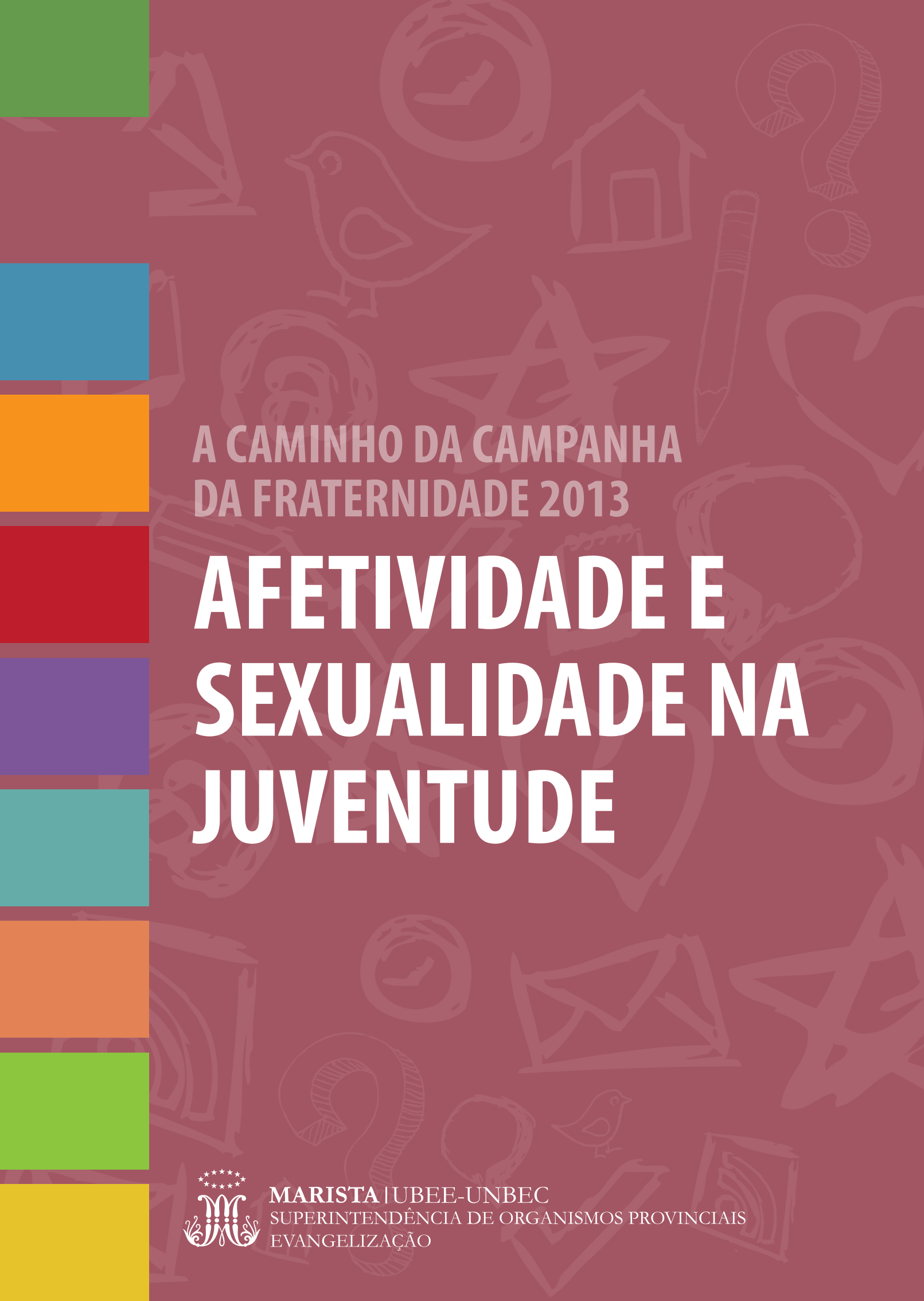
Conclusão

Haveria outras dimensões a serem exploradas, como a vivência grupal (mesmo manifestando-se em grupalismo), mas são alguns aspectos das raízes de uma espiritualidade juvenil. É a volta ao sagrado, a vivência da espiritualidade, nascendo dentro do próprio jovem. Mais do que um fenômeno externo, arrastado pela conjuntura, procuramos olhar o jovem encarnando, no seu jeito de ser e sonhar, a fome do sagrado. É por isso que ele se torna ou se pode tornar um sacramento do mais belo da humanidade. Por isso que o jovem gosta de grupo, de música, de ritmo, de arte, de festa e de vida. Para quem trabalha com os jovens, isso não é romantismo.

Quem trabalha na evangelização da juventude precisa ter a gana de ver, no mundo que se apresenta, o divino que há na juventude. A juventude como realidade ou como local teológico é uma das grandes novidades que precisamos descobrir, aprofundar e cultivar.

Bate-papo

- 1) No que consiste a espiritualidade juvenil? O que ela difere das demais espiritualidades?
- 2) Que desafios você identifica na vivência da espiritualidade juvenil na pós-modernidade?
- 3) Além das dimensões da espiritualidade abordada no texto, que outras dimensões você acrescentaria?
- 4) “A espiritualidade do Seguimento de Jesus faz três movimentos cíclicos fundamentais: o corpo, a comunidade, a utopia”. Que ações podemos desenvolver para contemplar os três movimentos cíclicos fundamentais?



A CAMINHO DA CAMPANHA
DA FRATERNIDADE 2013

AFETIVIDADE E SEXUALIDADE NA JUVENTUDE



MARISTA IUBEE-UNBEC
SUPERINTENDÊNCIA DE ORGANISMOS PROVINCIAIS
EVANGELIZAÇÃO

AFETIVIDADE E SEXUALIDADE NA JUVENTUDE

Liciane Cabral Caneschi, psicóloga, doutoranda pela UFRJ em Psicossociologia, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e Especialista em adolescência e juventude pela FAJE. Professora do Curso de Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo e Orientadora Educacional do Ensino Médio.

E-mail: licaneschi@gmail.com

EXPEDIENTE

Província Marista Brasil Centro-Norte

Ir. Wellington Mousinho de Medeiros – Superior Provincial

Ir. José Wagner Rodrigues da Cruz – Vice-Provincial

Ir. Adalberto Batista Amaral – Conselheiro

Ir. Ataíde José de Lima – Conselheiro

Ir. Renato Augusto da Silva – Conselheiro

Superintendência de Organismos Provinciais

Ir. Humberto Gondim

Comitê de Pastoral

Ir. Luiz André da Silva Pereira

Ir. James Pinheiro dos Santos

Eder D'Artagnan

Analistas de Pastoral

Gilson Prudêncio Júnior

Jorge Luis Vargas dos Santos

Raquel Pulita Andrade Silva

Elaboração

Ir. Luiz André da Silva Pereira

Raquel Pulita Andrade Silva

Brasília, 2012

AFETIVIDADE E SEXUALIDADE NA JUVENTUDE

NÔMADES APAIXONADOS

Liciana Cabral Caneschi

“Se há dores, tudo fica mais fácil, seu rosto silencia e faz parar.
As flores que me manda são fato, do nosso cuidado e entrega.
Meus beijos sem os seus não daria, os dias chegariam sem paixão.
Meu corpo sem o seu, uma parte. Seria um acaso e não sorte.”

Vanessa da Mata – Ainda bem

A partir desse trecho da música de Vanessa da Mata, convido o leitor a fazer uma breve reflexão a respeito das questões ligadas à afetividade e à sexualidade juvenis de um modo mais amplo, entendendo-as como dimensões que dizem algo sobre a forma com que os jovens conectam-se uns com os outros, com seus próprios desejos e com a vida. Devemos, assim, pensar sobre o modo como os jovens estabelecem suas relações, discutindo as contradições e incoerências entre o que se quer e o que faz, entendendo esse movimento como parte do jogo dos envolvimento afetivos.

O ser humano se constitui por meio das relações que estabelece ao longo da vida e, por isso, pode-se dizer que os momentos mais fortes e transformadores do indivíduo ocorrem quando ele se vincula ou se desvincula de alguém. A vivência destas situações marca sobremaneira a história pessoal e ajuda a compreender a forma e a intensidade com que cada um escolhe investir em suas relações.

De modo geral, entende-se a juventude como um período da vida onde predominam as grandes emoções afetivas, o lugar da vivência das maiores paixões, das mais dolorosas perdas e das grandes ousadias. Apesar de não ser o momento exclusivo de vivência desses sentimentos, é reservado à juventude o privilégio de poder viver todas essas emoções sem a preocupação de “errar ou acertar”.

Fora desse período, todos os relacionamentos passam a ser avaliados a partir de critérios de produtividade, devem ter uma finalidade clara e os ganhos do caminho acabam sendo desconsiderados caso haja sofrimento no final. Durante a juventude os caminhos da vida afetiva, com suas dores e alegrias, compõem as melhores partes da história e o momento final não precisa necessariamente ser um autêntico *grand finale*. Aliás, suas histórias de amor não necessariamente terão começo, meio e fim. A mobilidade e o nomadismo são duas grandes marcas das histórias de amor contemporâneas e, por serem assim, muitas vezes seu desenrolar passa despercebido pelos adultos e, quando é visto, tem sua consistência julgada e analisada.

O valor da intimidade

Para o psicanalista Erik Erikson (1987) o adulto jovem lida com um conflito postulado por ele como a luta entre a intimidade *versus* o isolamento.

Trata-se da primeira das três fases da idade adulta pensada pelo autor. Nela, a força predominante é o amor e os elementos significativos são os parceiros de amizade, o sexo, a rivalidade e a cooperação. Neste período, o grande desafio do jovem é tornar-se íntimo de alguém, de um trabalho e de alguma ideologia. O contraponto da intimidade é o distanciamento, onde o indivíduo afasta qualquer aproximação com o outro por acreditar que ele ameaça sua existência.

Para ser capaz de criar intimidade, Erikson (1987) acredita ser necessário que a identidade esteja estabelecida e seja valorizada, pois assim, o *eu* não se destrói durante o contato com o mundo externo. Vale ressaltar que a base da identidade se constituiu no estágio anterior, a adolescência, onde o conflito está entre a identidade *versus* a confusão de papéis.

A vivência significativa desta fase anterior é necessária para o estabelecimento de vínculos, pois segundo esse autor, “o jovem que não está seguro de sua identidade furla-se à intimidade ou lança-se em atos de intimidade que são “promíscuos”, sem uma verdadeira fusão ou real entrega de si próprio” (ERIKSON, 1987, p. 136).

Vale ressaltar ainda que, segundo Erikson (1987) dentro de alguns limites, o distanciamento é saudável, pois ele pode atuar na preservação da integridade individual. Em um indivíduo maduro emocionalmente, há relações de grande intimidade e, ao mesmo tempo, de certo isolamento e vivências de solidão.

Desta forma, nota-se que a constituição dos laços afetivos é uma importante aquisição dentro do desenvolvimento psíquico do jovem, no qual a troca, o sofrimento, a alegria e o reconhecimento da alteridade mostram-se como aspectos fundamentais para o amadurecimento afetivo e sexual. Além disso, a aquisição de relações de intimidade permitem que o indivíduo aprenda a se apropriar cada vez mais de suas escolhas e a se responsabilizar por elas, tornando-se um verdadeiro cuidador de seus laços e vínculos.

A ousadia de se apaixonar

Caridade (1997) ao escrever sobre a paixão lembra o mito de Eros. Eros, embora tenha sido criado com muita ternura por Afrodite e Ares, não crescia como as outras crianças, mas permanecia pequeno, bochechudo e com o rosto marcado por covinhas. Preocupada, a mãe procurou Têmis que respondeu: “O amor não pode crescer sem paixão”. Afrodite não entendeu esta colocação até que lhe nasceu Anteros, deus da paixão. Com a sua chegada ela percebeu que, quando Eros estava com o irmão, crescia e desabrochava, tornando-se mais esbelto e bonito.

Este mito coloca a paixão como uma parceira necessária para o amor e para o crescimento humano, sendo uma espécie de motor vital. É por meio da paixão que o jovem se deixa encantar pela presença do outro, tornando-se único na vida de alguém e tornando este outro um ser de grande valor. É a melhor possibilidade de vivenciar intensamente o aspecto da intimidade descrito acima.

Movidos por esse intenso trabalho de cativar e de se deixar cativar, as prioridades são modificadas, o tempo torna-se curto demais, a fome não é mais a mesma e a atenção toma para si outros interesses. Este sentimento leva o jovem a uma grande ânsia de união com o outro, provocando-o a realizar as mais belas declarações de amor e as mais duras renúncias e ousadias.

Outro aspecto característico da paixão apontado por Caridade (1997) é a importância do obstáculo na vivência da paixão, pois a falta do outro tem o poder de alimentar ainda mais esse sentimento. Os impedimentos desafiam e motivam mais o indivíduo em direção ao seu amante e quando eles não existem, chegam a ser inventados. Este último aspecto pode ajudar a refletir uma sutileza da paixão juvenil na atualidade. Quais são os obstáculos que os jovens encontram hoje em suas relações afetivas?

Em algumas realidades é possível constatar que os obstáculos se tornaram ausentes. O acesso ao outro é rápido e ele está sempre ali para ser descoberto de alguma forma. Há muita disponibilidade para se encontrar e pouco tempo para se apaixonar. Isso porque dois elementos entram no cenário das histórias de amor juvenis para roubar-lhes a paixão: a preocupação com o desempenho e a urgência pela quantidade. Esses dois aspectos interferem enormemente na vida afetiva e sexual dos jovens e, mesmo com algumas variações em relação ao gênero, faz com que se fique perdida a chance de se apaixonar. No entanto, apesar desses obstáculos, como sobrevivem as histórias de amor?

Esse imperativo pela velocidade e agilidade desenham diferentes modalidades de relacionamento na contemporaneidade e a mobilidade é a marca comum a todas elas:

Apesar dessas distintas modalidades de aproximação, diferenciadas pelos gêneros, uma regra é inescapavelmente comum a ambas: a circulação permanente. Meninos e meninas, quando querem “ficar” com alguém, não podem parar. Eles têm de andar, de estar em movimento todo o tempo, “rodando”, “rodando” (ALMEIDA, 2006, P. 156).

É importante ressaltar que os desafios para a vivência da intimidade são maiores no contexto contemporâneo porque o encontro com o outro está cada vez mais plástico, móvel e fluido. No entanto, esses espaços afetivos para as vidas nômades dos jovens não são libertadores por si mesmos. Apenas estar “na pista” e disponível não resolve a ânsia pela liberdade. Porém, apesar disso, estar em circulação e em movimento é uma tentativa que o jovem nômade faz para arriscar construir suas histórias de amor. Trata-se de “rodar” para encontrar alguém para “ficar”. É a expressão de um movimento contínuo de busca e de “caça” para descobrir um terreno onde se possa parar para descansar, para ser você mesmo e enxergar o outro.

Nessas aproximações afetivas, corre-se muito para se ter o privilégio de ficar com alguém. Movimenta-se para ganhar um território, um lugar estável. Essa aparente incoerência é reveladora do modo como os vínculos se dão na contemporaneidade, onde a mobilidade, o perder e o ganhar territórios quase simultaneamente, são peças constantes nas relações afetivas. Afinal, não estará sempre reservado um destino nômade e imprevisível a todo apaixonado?

Ao postular a crise enfrentada pelo jovem adulto em seu desenvolvimento, Erikson aponta o desafio da intimidade *versus* o isolamento, porém esses elementos não se mostram contrários, muito menos estanques quando nos detemos sobre as relações afetivas dos jovens. A busca pela intimidade e o desejo de isolamento coexistem nas práticas afetivas e, por isso, a leitura sobre a vida amorosa dos jovens é tão complexa e difícil de ser captada.

Deixar-se apaixonar não é tarefa fácil nesse contexto contemporâneo. Ingressar nas relações de intimidade e assumir os momentos de isolamento exige coragem, e ambos são igualmente importantes na dinâmica dos relacionamentos. Retomando a mitologia grega, a presença da paixão é fundamental para que o indivíduo desabroche e cresça. E cabe lembrar aqui que essa expansão de si mesmo pode não se esgotar nos apaixonados. Os frutos das paixões juvenis possuem, muitas vezes, a potente capacidade de criar novas histórias de amor com tudo aquilo que os afeta no mundo.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA & EUGÊNIO (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CARIDADE, Amparo. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, Juventude e Crise*. Trad. Álvaro Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

Bate-papo

- 1) Quais são os obstáculos que os jovens encontram hoje em suas relações afetivas?
- 2) Como sobrevivem as histórias de amor com os obstáculos que são apresentados no texto?

A vertical bar on the left side of the page is composed of several colored squares: green, red, orange, red, purple, teal, orange, green, and yellow. The background is a solid blue color with faint, white line-art icons scattered throughout, including a bird, a house, a question mark, a heart, a star, a pencil, a globe, and a book.

A CAMINHO DA CAMPANHA
DA FRATERNIDADE 2013

POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE



MARISTA IUBEE-UNBEC
SUPERINTENDÊNCIA DE ORGANISMOS PROVINCIAIS
EVANGELIZAÇÃO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE

Hildete Emanuele Nogueira de Souza, militante das Pastorais da Juventude do Brasil, licenciada em Letras Vernáculas, Assistente Pastoral do Colégio Marista Patamares – Salvador/BA, Secretária Nacional da Pastoral da Juventude (jan/2008 a jan/2011).

EXPEDIENTE

Província Marista Brasil Centro-Norte

Ir. Wellington Mousinho de Medeiros – Superior Provincial

Ir. José Wagner Rodrigues da Cruz – Vice-Provincial

Ir. Adalberto Batista Amaral – Conselheiro

Ir. Ataíde José de Lima – Conselheiro

Ir. Renato Augusto da Silva – Conselheiro

Superintendência de Organismos Provinciais

Ir. Humberto Gondim

Comitê de Pastoral

Ir. Luiz André da Silva Pereira

Ir. James Pinheiro dos Santos

Eder D'Artagnan

Analistas de Pastoral

Gilson Prudêncio Júnior

Jorge Luis Vargas dos Santos

Raquel Pulita Andrade Silva

Elaboração

Ir. Luiz André da Silva Pereira

Raquel Pulita Andrade Silva

Brasília, 2012

POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE

Hildete Emanuele Nogueira de Souza

“O político por vocação é um apaixonado pelo grande jardim para todos. Seu amor é tão grande que ele abre mão do pequeno jardim que ele poderia plantar para si mesmo. De que vale um pequeno jardim se à sua volta está o deserto? É preciso que o deserto inteiro se transforme em jardim.”

Rubem Alves

Política é uma palavra cara e digna de respeito, antes de falarmos sobre qualquer temática que deriva dela é preciso parar um pouco e pensarmos de que política nós estamos tratando. Aprendemos na escola que política é bem comum, mas aprendemos nas atitudes mesquinhas de alguns representantes políticos que política é coisa suja, é jogo de interesses próprios, é relação superficial e falsa... É triste perceber que as pessoas não falam sobre política de forma diferente, porque não experimentaram a política como espaço da solidariedade, do diálogo e do bem-querer.

A juventude contemporânea tem inventado e reinventado vários jeitos de falar de política e de participar politicamente, não podemos ficar comparando a atual geração com as gerações anteriores, porque muitas vezes não valorizamos as iniciativas atuais das juventudes que são diferentes das outras, porém não são piores e nem melhores.

Política pública é uma responsabilidade do Estado que conta com a participação e o controle da sociedade civil, é sempre bom lembrar esse conceito, porque temos visto em nosso país muitas ações bacanas, mas que não deveriam ser de responsabilidade do movimento social ou das organizações não governamentais. Segundo a nossa constituição é dever do Estado em parceria com a família e com a sociedade garantir a população, direitos fundamentais, como: saúde, moradia, educação, cultura, esporte, lazer, segurança, alimentação, profissionalização, dignidade, liberdade e respeito. No campo da juventude temos além da constituição, o estatuto da juventude que garante a esse segmento social alguns direitos específicos, mas precisamos pensar que a cidadania está para além de construção jurídica, é preciso pensá-la como lugar de relações e de construções coletivas.

O primeiro passo quando pensamos em política pública é olhar a realidade onde estamos inseridos, porque toda e qualquer ação política parte de uma necessidade real e concreta. Hoje temos visto a juventude inserida em várias situações que merecem um olhar mais cuidadoso, podemos citar três questões concretas: a violência, a falta de oportunidade no mundo do trabalho e a educação de péssima qualidade, esses são problemas que afetam a grande maioria da juventude brasileira, mas é claro que em cada realidade aparecerá problemas locais e específicos, precisamos ter claro que juventude não é uma coisa só e por isso a realidade juvenil é muito diversa e plural, ainda mais num país continental como o nosso.

O segundo passo é pensar e projetar ações que possam solucionar os problemas identificados na construção da agenda. É importante lembrar que a participação popular é fundamental na primeira parte do processo, pois é quando listamos as situações mais complexas e elegemos aquelas que devem ser tratadas com prioridade. Nesse segundo momento também é muito importante que se tenha um olhar mais coletivo, porém é uma parte que necessita de uma contribuição mais técnica.

O terceiro passo é executar as medidas que foram pensadas para solucionar os problemas apontados, nessa fase do processo é imprescindível contar com os recursos necessários para tirar do papel o que foi pensado na fase anterior, sem recurso não tem como implementar uma política pública. Isso é fato e muitas vezes nos espaços que pensamos políticas públicas não se tem transparência do orçamento que podemos contar, essa é uma questão que trava a parte mais significativa do processo, porque não adianta consultar, debater, priorizar e projetar se não poderá se contar com o recurso necessário para a fase da execução. E o que temos visto no campo da juventude é que temos produzido bastante, feito muitos debates, mas as ideias não saem do papel.

No ano de 2011 foi realizada a II Conferência Nacional da Juventude e foi feito todo o processo de construção coletiva nos âmbitos municipal, territorial, estadual e nacional. A conferência tem seguido uma metodologia bacana e muitos jovens têm colaborado no processo, inclusive em conferências livres e virtuais, mas o que temos feito com todo esse volume de conteúdo e de debate de propostas? Não temos dúvida de que as conferências têm contribuído num processo interessante e pedagógico de participação juvenil e uma riqueza que precisa ser considerada é a articulação que é fortalecida nesse espaço entre os diversos grupos juvenis da nossa sociedade que até então vinham travando as suas lutas de forma setorializada e de certa forma enfraquecendo o poder transformador da juventude brasileira.

É muito bacana perceber nesses lugares jovens indígenas, negros, brancos, ricos, pobres, trabalhadores, estudantes, artistas, religiosos, dentre outros, que dividem o mesmo espaço, estabelecendo entre si relações igualitárias, respeitadas e participativas, mesmo com tantas diferenças e toda pluralidade que é própria do universo juvenil.

O quarto e último passo, mas não menos importante, é a avaliação, o acompanhamento e a fiscalização das ações, a sociedade precisa ficar atenta, saber tudo o que está acontecendo e acompanhar de perto todas as ações do poder público, o controle social é de fundamental importância no processo das políticas públicas. O controle social pressiona o governo a adotar mecanismos que tornem a administração cada vez mais transparente.

A temática das políticas públicas no campo juvenil deve ter um caráter transversal, porque para garantir à juventude vida digna e plena, é preciso

conquistar em todas as pastas do poder público, projetos e programas que considerem o segmento jovem da nossa sociedade.

A construção da autonomia perpassa pela possibilidade da participação da juventude nas decisões do rumo da nossa sociedade, precisamos continuar acreditando que através de um debate político sério e coletivo podemos estabelecer metas e prioridades que nos ajudam a concretizar o sonho de vivermos num lugar de justiça, onde as pessoas mesmo que diferentes estabelecem relações de respeito e onde tem espaço no jardim para que todos e todas plantem, reguem, cultivem e colham os frutos da esperança e da utopia.

Bate-papo

- 1) Quais os problemas mais gritantes da realidade juvenil do lugar onde você vive?
- 2) Depois da construção da agenda, quais as propostas que poderiam resolver as questões levantadas?
- 3) A sociedade civil em sua cidade tem espaços de proposição de políticas públicas juvenis e de controle social?
- 4) Quais os sonhos coletivos da juventude da sua comunidade?

A CAMINHO DA CAMPANHA
DA FRATERNIDADE 2013

JUVENTUDE E VOCAÇÃO



MARISTA | UBEE-UNBEC
SUPERINTENDÊNCIA DE ORGANISMOS PROVINCIAIS
EVANGELIZAÇÃO

JUVENTUDE E VOCAÇÃO: REALIDADES JUVENIS NO CONTEXTO VOCACIONAL

Ir. James Pinheiro dos Santos é Coordenador de Animação Vocacional da PMBCN, Assistente Social pela Universidade Potiguar - UnP e Pós-graduando em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília - UCB.

EXPEDIENTE

Província Marista Brasil Centro-Norte

Ir. Wellington Mousinho de Medeiros – Superior Provincial

Ir. José Wagner Rodrigues da Cruz – Vice-Provincial

Ir. Adalberto Batista Amaral – Conselheiro

Ir. Ataíde José de Lima – Conselheiro

Ir. Renato Augusto da Silva – Conselheiro

Superintendência de Organismos Provinciais

Ir. Humberto Gondim

Comitê de Pastoral

Ir. Luiz André da Silva Pereira

Ir. James Pinheiro dos Santos

Eder D'Artagnan

Analistas de Pastoral

Gilson Prudêncio Júnior

Jorge Luis Vargas dos Santos

Paulo César Bernardo

Raquel Pulita Andrade Silva

Elaboração

Ir. Luiz André da Silva Pereira

Raquel Pulita Andrade Silva

Brasília, 2012

JUVENTUDE E VOCAÇÃO: REALIDADES JUVENIS NO CONTEXTO VOCACIONAL

Ir. James Pinheiro dos Santos, fms¹.

A juventude é, essencialmente, uma fase marcada por processos de definição de identidade e de inserção social, segundo Abramo². No entanto, os processos que levam a essa fase, “se fazem de modo diferenciado segundo as desigualdades de classe, renda familiar, região do país, condição de moradia rural ou urbana, no centro ou na periferia, de etnia, gênero, etc.”³. Dessa forma, “o reconhecimento da especificidade da juventude tem que ser feito num duplo registro: o da sua singularidade com relação a outros momentos da vida e o da sua diversidade interna, que faz com que a condição juvenil assuma diferentes contornos”⁴. Para abranger a pluralidade juvenil atual, costuma-se utilizar a expressão “juventudes”. Esse entendimento mostra que os cenários juvenis são amplos e subjetivos para abarcar-se de uma única forma ou em apenas um contexto sua definição e que se falando de vocação, nesse contexto, deve-se levar em conta as realidades diversas e amplas que a compõem.

Dessa forma, a pluralidade juvenil remete a uma realidade cada vez mais complexa e desafiante, pois surgem constantemente novos rostos e grupos juvenis que vão configurando-se na sociedade e revelando-se numa heterogeneidade sempre maior. Dá-se enfoque aqui, aos jovens urbanos que estão diretamente ligados ao contexto da pós-modernidade e que são certamente o recorte para esse serviço de discernimento vocacional e elaboração do Projeto de Vida, entendendo a importância dessa discussão nos diversos outros cenários e realidades juvenis.



Cícero Marques, 2009.

¹ Ir. James Pinheiro dos Santos é Coordenador de Animação Vocacional da PMBCN.

² Abramo, 2004, pg. 12.

³ Idem.

⁴ Ibidem.

Os grupos juvenis têm diferentes denominações: emos, góticos, clubbers, punks, skatistas, entre outros e exigem uma análise que identifique a complexidade dos discursos que envolvem esses universos culturais e as práticas de seus participantes. Além disso, destacam-se também, no contexto religioso-eclesial, os grupos que são muitos e que retratam bem essa diversidade na Igreja Católica: pjoteiros, carismáticos, neocatecumenatos, comunidades de vida, entre outros diversos movimentos e pastorais que estão inseridos nas Paróquias, Dioceses, Escolas, Centros Sociais, etc. Esse contexto certamente não está desvinculado da realidade da juventude e dos valores e opções que ela possui, cultiva e faz.

Uma característica facilmente percebida nas juventudes contemporâneas – e também em grande parte nos adultos – é o valor dado à subjetividade. Aqui merece destaque a existência de duas possibilidades: a individualização e o individualismo. A primeira supõe a construção de uma subjetividade aberta, que ressalta a singularidade de cada pessoa e abre espaço para a convivência fraterna com outros seres humanos, com o meio ambiente e com Deus. O individualismo, por sua vez, constrói uma subjetividade fechada, que isola o sujeito na sua autossuficiência e o afasta da convivência com outras pessoas, da participação comunitária e da corresponsabilidade na construção de “outro mundo possível”⁵.



Cícero Marques, 2009.

Essas duas possibilidades são percebidas também no contexto eclesial, no qual se destaca a participação juvenil nas comunidades de base e paróquias, equipes de liturgia, catequese, pastorais e movimentos⁶. A evangelização juvenil pode contribuir e muito para a construção da subjetividade aberta e a consequente humanização dos adolescentes e jovens. É preciso perceber, porém, que o jeito do jovem participar e se relacionar com a Igreja é diferente de outros períodos da vida. A evangelização da juventude, ainda que tenha como fundamento o

⁵ PMBCN, 2011, p.

⁶ CNBB, 2007, nº 47

seguimento de Jesus, apresenta necessidades específicas de linguagens e metodologias. Ela precisa estar ciente dessas novas realidades juvenis, referidas anteriormente, e acreditar que, é com esse público e perfil que Jesus tem de ser anunciado e seguido.

Nesse contexto, diverso de evangelização é importante que uma reflexão vocacional, assim como toda ação pastoral, ajude os adolescentes e jovens a vivenciarem um processo de humanização que os liberte do fechamento na própria subjetividade e favoreça a vivência da alteridade, ou seja, o reconhecimento, aceitação e valorização do outro enquanto ser diferente, nos ajuda a entender⁷. Por isso, devemos buscar uma forma atraente de apresentar a pessoa de Jesus ao jovem, motivando-o a fazer a experiência do seguimento.

A busca do sentido da vida, do que fazer no futuro, da descoberta e vivência dos sonhos é uma constante na vida de cada pessoa, em especial na juventude, pois é o momento em que cada um/a pensa, planeja e sonha a vida presente e futura. Alguns se preocupam com isso muito cedo, outros, por causa de diversas influências possíveis retardam esse processo, e alguns, não chegam a fazê-lo, vivendo sem um planejamento ou um Projeto de Vida sistematizado.

A descoberta e vivência dos sonhos talvez seja hoje o motivo principal de uma reflexão sobre juventude e vocação, pois não se concebe mais pensar vocação a partir da amostra dos antigos “heróis vocacionais” que muito tempo foi o “chamaris” para essa questão e que hoje não desperta mais a atenção de ninguém. Precisa-se pensar meios e metodologias adequadas para esse serviço da descoberta da vocação, utilizando uma linguagem que ajude os jovens a aprofundarem e elaborarem seu Projeto de Vida, nesse contexto da diversidade e da complexidade atual que se vive.



Cícero Marques, 2009.

O percurso que Jesus faz com os dois discípulos no caminho de Emaús⁸, segundo o Plano de Animação Vocacional Marista⁹, é um paradigma para o itinerário da evangelização: a experiência relatada pelo evangelista pode

⁷ Rúbio, 2006

⁸ Lc 24,13-35. A referência para esse paradigma é o Método Dinâmico, desenvolvido pelos padres Marcial Maçaneiro, scj e João Carlos Almeida, SCJ.

⁹ PMBCN. Plano de Animação Vocacional Marista. SOP/CP: Brasília, 2011.

iluminar o percurso feito por animadores/assessores e jovens em todo o processo vocacional. Isso porque, no caminho de Jerusalém até Emaús, se desenvolve uma relação que inclui conhecimento mútuo, diálogo, partilha de vida, acolhimento, celebração, exercício de memória orante, opção pessoal e compromisso missionário.

No percurso, se entrelaçam o processo pessoal e o processo grupal: cada discípulo/a caminha junto, trazendo na bagagem pessoal a sua história, suas perguntas e buscas de sentido, seus desejos e medos. Esta bagagem é partilhada com o outro a partir das provocações e da mediação do Mestre, à medida que, caminhando juntos, os caminhantes constituem um grupo. Sem deixar de ser quem são, os dois experienciam a vida comunitária, interagem com ela e nela descobrem a missão pessoal e o compromisso grupal.

Comparando o caminho de Emaús ao percurso vocacional que um jovem é convidado a percorrer na elaboração de seu Projeto de Vida, é importante compreender o que acontece em cada momento, para apreender a visão de todo o processo que um jovem pode fazer na descoberta de sua vocação e utilizá-lo como inspiração para o despertar, discernir, cultivar e o acompanhamento da caminhada vocacional.

O caminho compreende sete momentos diferentes, mas inter-relacionados, que levam os discípulos a fazerem uma experiência de seguimento de Jesus Cristo:

Momento inculturador: caminhar ao encontro de...

“Jesus em pessoa aproximou-se deles e caminhava com eles” (v. 13-15)

Com Jesus, tudo começa num gesto de aproximação. Em vez de “cair de paraquedas” no caminho dos discípulos, com posturas rígidas e respostas prontas, Jesus se aproxima dos dois e começa a caminhar com eles, respeitando o momento pessoal e grupal/comunitário que estão vivendo. É o que chamamos de inculturação: entrar na realidade do outro, caminhar junto e estar presente onde a pessoa se encontra, nas ruas, nas esquinas, nas conversas informais, nos momentos inesperados, pela estrada, no ônibus, à porta das casas. Essa interação dinâmica, que acontece na vida diária e na convivência fraterna, nos permite conhecer mutuamente os processos pessoais e grupais.

No percurso vocacional, esse momento assinala o início da fase do despertar, incluindo as atividades de convocação nas quais os jovens são convidados/motivados ao discernimento vocacional. Implica um movimento de desinstalação de quem acompanha: “Vamos aos jovens lá onde eles estão”¹⁰. Ao invés de esperar que os jovens venham ao seu encontro, são os acompanhantes quem tomam a iniciativa de estar nos grupos de jovens, na escola, na família, na comunidade. São esses os lugares nos quais poderão conhecer a realidade dos jovens e interagir com eles, para conhecê-los e se dar a conhecer.

¹⁰ Constituições e Estatutos, nº 86.

Momento interrogante: ver com os olhos do Ressuscitado

“Os discípulos estavam como que cegos, e não reconheceram Jesus. Ele então perguntou...” (v. 16-24).

Jesus respeita o momento de cegueira que os discípulos estão vivendo. Ao invés de recriminar os dois porque não o reconheceram, Ele revela a humanidade da sua pedagogia: faz que não sabe das coisas, ouve, interroga e partilha. Faz perguntas, deixa-os falar e escuta o que eles estão vivendo, porque o encontro com o outro é diálogo, acolhida às suas interrogações, atenção ao que ele/a vive. Não é uma pedagogia de respostas prontas nem de propostas pré-definidas. Ao contrário, o processo de inculturação continua: o Mestre adentra a realidade dos discípulos, para conhecê-la a partir da visão que eles têm sobre como estão conduzindo a própria vida.

No percurso vocacional, continua a etapa do Despertar: o convite à caminhada vocacional deve questionar o jovem a partir de sua realidade concreta e do momento pessoal que está vivenciando. Para isso, é necessário:

- ✓ Conhecer os elementos da realidade em que vive o jovem.
- ✓ Escutar o jovem com os ouvidos e o coração.
- ✓ Compreender e respeitar o momento que o jovem está vivendo.
- ✓ Acolher o que o jovem diz, mas também ajudá-lo a refletir sobre sua visão das coisas.

Momento didático: iluminar com a Palavra de Deus

“Jesus, começando por Moisés, percorrendo todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava escrito” (v. 25-27).

Depois de ouvir dos discípulos o que eles estão vivendo, as dificuldades que enfrentam, as dores que trazem do coração, Jesus ilumina aquela situação com a Palavra de Deus. Buscando nas Escrituras o entendimento que os dois não conseguiam encontrar na realidade, Jesus mostra que o anúncio se torna Boa Nova quando responde aos anseios e angústias das pessoas. E é Palavra de Vida quando alimenta a esperança e dá sentido ao momento histórico que elas estão vivendo, com seus problemas e contradições, crises e possibilidades. Desta forma, a Palavra ilumina o processo vivido, confere significado aos passos dados e desperta nos discípulos um novo ardor, ainda inconsciente, mas já sentido por eles.

No itinerário vocacional, tem início uma nova etapa: o Discernir. Esse momento dá sequência às interrogações feitas anteriormente e traz elementos para que o jovem comece a “burilar” a sua vocação. Compete aos assessores trazer provocações, textos iluminadores, conhecimentos e experiências que ajudem o jovem a mergulhar no processo vocacional.

Neste momento, é importante que se perceba o jovem como “uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar”¹¹, e que interpela a escutar o que Deus está dizendo por meio das juventudes. Assim, a iluminação é dialógica: quem acompanha o jovem ajuda-o a

¹¹ Cf. CNBB. Doc. 85, nº 81.

compreender o que Deus quer dele e ele ajuda a quem acompanha enxergar o “sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil”¹². Nesse percurso, deve-se considerar não apenas as aptidões do jovem, mas principalmente as suas motivações: é a partir delas que será possível compreender o sentido do chamado pessoal que Deus lhe faz.

Momento político: aprender a promoção humana e o cuidado

“Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando...” (v. 28-29).

No início do Evangelho de Lucas, Jesus apresenta sua missão: anunciar a Boa Notícia aos pobres, libertar os presos e oprimidos, recuperar a vista aos cegos e proclamar um ano de graça do Senhor¹³. A missão cristã é um serviço à vida e, por isso, quem se dispõe a seguir Jesus se compromete com o bem-estar do outro. Daí a atitude de preocupação e cuidado dos discípulos: “Fica conosco, queremos te acolher, pois a noite vem com seus perigos de assalto, escuridão e morte”¹⁴. Da convivência com o outro nasce o cuidado com a vida e a busca da promoção humana: o momento político é uma consequência dos outros momentos. Caminhando juntos, conhecendo a realidade vivida pelas pessoas e buscando na fé o sentido dos acontecimentos, chega-se ao compromisso político: a busca do bem comum é parte do processo de seguimento de Jesus, que veio “para que todos tenham vida, e a tenham em abundância”¹⁵.

A vocação cristã fundamental chama ao serviço da vida e, por isso, o seguimento de Jesus leva a desenvolver atitudes de cuidado consigo mesmo, com o outro, com o grupo, com a comunidade, com o meio ambiente... A vida é dom de Deus e é missão do discípulo contribuir para que ela seja plena e abundante.

No percurso vocacional, é importante que o jovem compreenda o cuidado com o bem do outro e a presença junto aos pobres como partes fundamentais da missão cristã. Experiências de contato com realidades desafiantes poderão ajudar a quem acompanha e ao jovem desenvolver um olhar mais humano sobre a realidade e assumir uma atitude fraterna e solidária diante dela. Os pequenos gestos de partilha, cuidado e compromisso, somados à reflexão sobre a realidade local e global, ajudam a despertar a sensibilidade e o compromisso com a promoção humana e o bem comum.

¹² Idem.

¹³ Lc 4,14-2.

¹⁴ Cf. Lc, 24, 29.

¹⁵ Jo 10,10.

Momento celebrativo: celebrar a partilha na liturgia

“Jesus tomou o pão e o abençoou, depois o partiu e deu aos discípulos” (v. 30-31).

O momento político e a busca do bem comum não são o final do processo. No seguimento de Jesus, outros passos são necessários. Depois da inculturação, das perguntas, da iluminação bíblica e do compromisso com a promoção humana, os discípulos se sentam com Jesus para celebrar. No momento didático, falaram de Deus e, agora, ao redor da mesa do pão, falam com Deus. São momentos complementares, que abrangem as dimensões catequética e litúrgica do processo evangelizador. Partilhando o pão, a comunidade se une em festa para celebrar a vida e a alegria de estar juntos. Nesse momento, não há diferença entre evangelizador e evangelizado e, por isso, eles sentam-se à mesma mesa, repartem o pão juntos e reconhecem a presença de Jesus no meio deles.

No percurso vocacional, este momento explicita a comunhão eclesial: reconhecer os diversos carismas e ministérios dentro da Igreja perceber-se parte dela em sua vocação específica e celebrar a vida em comunidade. Contemplar a diversidade é parte importante da etapa do Discernir, pois evidencia a especificidade e complementariedade das vocações. A comunidade ajuda o jovem a reconhecer as formas como outras pessoas vivenciam as vocações e a perceber a qual delas o chamado de Deus o tem conduzido.

Momento interpretativo: rever tudo com novo ardor

“Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (v. 32).

Depois de reconhecer Jesus na partilha do pão, os discípulos fazem memória do caminho percorrido. Com a fé e a esperança alimentadas na celebração, os dois têm agora um novo olhar sobre o que lhes aconteceu. Percebem claramente a presença de Jesus pelo caminho, conversando, explicando e partindo o pão. Eles tomam consciência de que a presença do Ressuscitado já tinha feito o coração pegar fogo. E, à luz desse “novo ardor” recém-descoberto, eles compreendem e interpretam o caminho percorrido. Toda a realidade ganha um novo sentido, pois nela Jesus está presente, animando seus discípulos e discípulas e caminhando com eles.

Este momento finaliza a etapa do Discernir. No tempo em que caminharam juntos, acompanhante e jovem, foram aos poucos se conhecendo, aprendendo, partilhando, dividindo experiências, assumindo responsabilidades em conjunto. Olhando em retrospectiva, o jovem recolhe elementos para fundamentar sua opção vocacional, que não aparece do nada, mas resulta do processo vocacional feito desde o início. É importante que se ajude o jovem a interpretar o caminho percorrido, mas de forma que a escolha seja do jovem. Ele é o protagonista do processo, e sua resposta ao chamado de Deus dará forma ao seu Projeto de Vida.

Momento missionário: reagir com uma nova evangelização
“Levantaram-se na mesma hora e voltaram para Jerusalém” (v. 33-35).

Depois de caminhar com os discípulos e se revelar no pão partido, Jesus desaparece da vista deles. Já concluiu sua “pastoral”, acompanhou os dois em todo o processo. Agora, cabe a eles levar adiante a missão cristã: quem foi evangelizado torna-se agora evangelizador. Por isso, ambos se levantam para retomar o caminho e novamente iniciar o processo com outras pessoas. Eles viveram com Jesus uma experiência que lhes trouxe o ardor necessário à evangelização. E aprenderam a seguir uma pedagogia experiencial, que respeita os processos, sem queimar etapas nem impor aos outros as verdades da fé. O seguimento não aparece como obrigação: é uma consequência da caminhada conjunta e uma resposta consciente a um chamado interno. Esse é o grande diferencial da pedagogia de Jesus, que também pode fazer diferença na missão pastoral que assumimos e no acompanhamento às pessoas com quem nos dispomos a fazer caminho.

Ao finalizar a etapa do Discernir e tendo claro qual é sua opção vocacional, o jovem inicia a Etapa em que irá Cultivar a sua opção vocacional. Caso tenha optado por ingressar em uma Congregação Religiosa, deverá conhecer o carisma específico, a história do fundador e missão da Instituição. E, tendo feito opção por continuar vivendo a vocação leiga, deve conhecer grupos e espaços comunitários onde possa seguir Jesus e desenvolver sua missão cristã. É importante que se continue acompanhando o jovem de acordo com as necessidades próprias dessa nova etapa.

Estes elementos não podem ser esquecidos numa reflexão vocacional contemporânea. O contexto atual nos convida a viver em profundidade e amplitude todos os apelos históricos de renovação e cumprir a grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus e recordar que os cristãos, vocacionados à vida, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo, como evidencia a Conferência de Aparecida, e que o processo de elaboração do Projeto de Vida é sem dúvida, a chave para se pensar a questão da vocação nas realidades e na vida das juventudes.

Bate-papo

- 1) A partir da realidade, pessoal e/ou grupal, que se vive, o que esse texto ajuda a refletir e a pensar sobre a descoberta vocacional?
- 2) Olhando o percurso que Jesus faz com os discípulos de Emaús, que momento mais chama a atenção e que ajuda a aprofundar a elaboração do Projeto de Vida?
- 3) Que ações concretas podem ser assumidas, pessoal e/ou grupalmente, para o aprofundamento dessas questões no cotidiano da Unidade/Comunidade Marista?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena. *et al.* **Projeto Juventude**. Documento de Conclusão. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude**: desafios e perspectivas pastorais. Brasília: CNBB, 2007.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE. **Plano de Animação Vocacional**. Brasília: PMBCN, 2011.

_____. **CMP: Missão e identidade na evangelização das juventudes**. Brasília: PMBCN, 2007.

RUBIO, Alfonso García. **Evangelização e maturidade afetiva**. São Paulo, Paulinas, 2006.



MARISTA | UBEE-UNBEC
SUPERINTENDÊNCIA DE ORGANISMOS PROVINCIAIS
EVANGELIZAÇÃO